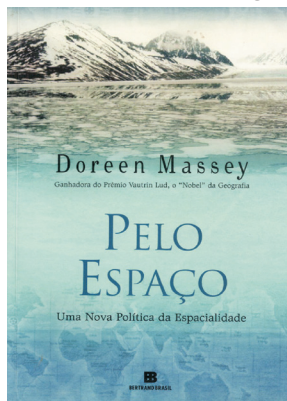


## Resenha

MASSEY, DOREEN B.: **PELO ESPAÇO: UMA NOVA POLÍTICA DA ESPACIALIDADE**. TRAD. HILDA PARETO MACIEL; ROGÉRIO HAESBAERT. RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 2008. 312 P.

**André Souto Rezende - Universidade Federal de Goiás**

*andresoutoufg@hotmail.com*



De modo instigante, Doreen Massey, produziu um texto capaz de nos fazer refletir sobre nossa imaginação quanto ao espaço. O livro tem por fundamento repensar nossa forma de enxergar a globalização, as cidades e o lugar.

A autora deixa claro ao longo do texto que o espaço não é algo estático e neutro, uma entidade gélida e imóvel, mas é algo interligado com o tempo e, assim, sempre mudando. O título sugere um novo conceito de espacialidade, mas Massey, ao longo dos quinze capítulos, vai além, demonstra outros potenciais e possibilidades do espaço.

Ela aponta que nossos sentidos não conseguem perceber a espacialidade como algo em potencial. Para fundamentar este pensamento traz uma releitura da filosofia geográfica e como suas hipóteses podem ter limitado nossa imaginação do espaço. O desafio de reestruturar nossa concepção espacial foi sonogado.

Na Parte Um, intitulada de “Estabelecendo o Cenário”, Massey aponta três considerações que servem de vértice para a análise feita no decorrer do texto. Primeiro estabelece a relação do espaço associado à extensão. Num outro momento, trará o conceito de tempo em consonância com o espaço, quando diz que a redução daquele sugere uma aproximação deste. No último apontamento, é estabelecida a contradição de lugar, que pode ser o cotidiano, e o espaço, que por sua vez, é traduzido em um sentido amplo, global. Assim ela mostra que o espaço não é pensado, e que continuar colocando-o apenas como superfície, ou como uma associação ao tempo ou ainda alheio a determinado lugar, é deixá-lo de fora do entendimento da multiplicidade em que vivemos.

Em suas Proposições Iniciais a autora mostra uma nova divisão: o espaço pode ser visto como um produto das inter-relações, como uma esfera

da multiplicidade, e, por fim, poderemos reconhecê-lo como algo sempre em construção.

Tomando como ponto inicial que o espaço deve ser aberto, a autora argumenta uma necessidade de ser essa a forma de garantir um futuro sujeito a maleabilidades capazes de absorver uma política diferente, onde sejam reconhecidas as características particulares do espaço. Nesse sentido, “o espaço jamais poderá ser essa simultaneidade completa, na qual todas as interconexões já tenham sido estabelecidas e no qual todos os lugares já estão ligados a todos os outros” (p.32). É o espaço que permite a construção das identidades, é onde ocorrem as interligações, de modo que nada pode ser inflexível.

A Parte Dois, é chamada de “Associações pouco promissoras”, está dividida em cinco capítulos. O ponto central dos argumentos apresentados é que o termo espaço está enraizado em nosso meio com diversos significados aquém da real essência dessa palavra. Para a autora, a imaginação do espaço sofre influências de correntes filosóficas, que dão uma amplitude que “invalidam sua completa inclusão na esfera do político” (p. 39).

É nesta Parte que primeiramente irá aparecer uma indagação chamada “Confiar na Ciência?”, a qual se repetirá nas Partes Três e Quatro. São textos curtos que visam desafiar o pensamento erradicado no meio acadêmico dentro das questões abordadas em alguns momentos do livro. A exemplo disso, a autora traz duas outras inserções com o mesmo intuito, são elas: “A representação, mais uma vez, e as geografias da produção do conhecimento 1” (Parte Três) e “geografias da produção do conhecimento 2: lugares da produção do conhecimento” (Parte Quatro).

Massey mostra como o espaço esteve associado ao tempo. O livro tem a preocupação sobre o modo que imaginamos o espaço – e este é o fio condutor de toda a discussão proposta na obra. É uma busca por retirar as amarras quanto ao espaço, as quais o mantiveram como algo fechado e em estase (apropriação de um termo médico que significa “parado”).

As filosofias anteriores ao estruturalismo, com Bergson, e posteriores, quando houve uma forte tentativa de desconstrução do estruturalismo, serviram para conceituar ou assumir o espaço,

simplesmente, como o oposto negativo de tempo. A autora afirma que o espaço, em conjunto com o tempo, era visto como uma representação, onde “a própria vida e, certamente, a política, são dele arrancadas” (p. 56). É como se por um momento o mundo ficasse parado, esperando uma análise. Este pensamento reafirmado como uma apropriação da ciência humana junto à teoria natural, gerou um conjunto de pressupostos que modelaram nosso conceito de espacialidade.

As teorias do tempo não são descartadas na elaboração do raciocínio da autora, visto que o embate filosófico se justifica por ser essencial para a formação de uma imaginação alternativa para o espaço. Tanto que da crítica, retira novos potenciais do espaço. De Bergson ela aproveita o dinamismo vivo; do estruturalismo, a noção de identidade; enquanto do desconstrucionismo, apropria-se da negação da singularidade espacial.

Para ela, o espaço tem um potencial político, e ao passar pelos antigos significados e associações a ele inerente, propõe a interpretação do espaço como uma produção aberta e múltipla. As relações ocorridas nesse espaço é o que nos permite “fugir de transformar a geografia mundial em uma narrativa histórica” (p.65).

“Vivendo em Tempos Espaciais?” Com esta indagação, a autora retoma na Parte Três, durante os cinco capítulos que a compõe, a associação de tempo e espaço, ou seja, o caráter representativo. Esta parte trata particularmente da era contemporânea, do mundo globalizado. O espaço é novamente colocado em debate, não como antes, onde a produção do espaço dava-se de modo prático e material, o que autora chamou de espaço praticado, o qual não levava em conta a multiplicidade. São levantadas questões quanto à heterogeneidade das formas, a compreensão da diferença e dos conflitos. Faz-nos pensar sobre uma “política relacional para um espaço relacional” (p. 98). Um espaço do lugar.

Para Massey, a história da modernidade, ao ser espacializada, encarou a forma de Estado-nação como algo natural, onde o que prevalece são os limites. Desse ponto surgiu a idéia de lugar, gerado e delimitado por suas diferenças em relação aos outros, àqueles que são externos, ocupam o espaço.

As fronteiras sustentavam a coerência da regionalização, fazendo acreditar que cada uma seria impenetrável. A globalização emerge com movimentos transfronteiriços, onde, inicialmente, ocorreria o livre fluxo de pessoas e bens. Este ideal encontrou resistência daqueles que são a favor do lugar, da segregação. Segundo a autora, esta é uma luta por uma limitação existente para poucos, é olhar para algo que jamais existiu.

O mundo globalizado é um processo, defende a autora, e não há como trata-lo como algo natural, quando ele decorre de uma prática de redução do tempo. Seria esse o momento em que viveríamos uma época do espaço, onde todos estão próximos. Massey irá refutar. A globalização não derruba um paradigma imposto, simplesmente representa a forma de designar os contatos e fluxos globais, mais uma forma de subjugar o espacial. A autora aponta que o produto das inter-relações gerará a especificidade do espaço geográfico, delimitado e redefinido por meio da política.

Ainda na Parte Três, nos é mostrado como o mundo concebe a aproximação dos países centrais com os periféricos, os quais estavam atrasados na história temporal, contada como única. Seria, então, a chegada daqueles que permaneciam fora da geografia do poder. Essa área do pensamento geográfico, ironicamente subjugou os reais desafios do espaço. A afirmação consiste em que os povos fora do Ocidente não tinham suas trajetórias consideradas – enquanto a autora continua a defender que se deve levar em conta a multiplicidade histórica. Caso contrário, a concepção espacial continuará a ser um estágio na linha do tempo, uma “vitória discursiva” (p. 111).

Voltando à globalização, seria um processo onde o mundo tornou-se plano e todos estariam inseridos num mesmo momento histórico. Para a autora, não é esta a verdadeira referência espacial, pois há uma instantaneidade nos contatos do mundo contemporâneo, e os fluxos, como são defendidos no capítulo 7, tornam-se os substitutos das áreas definidas.

O espaço não está morto. Massey defende que a relação espaço-tempo geram cada vez mais conexões envolvidas em nossa sociedade. Consideração que nos remete a pensarmos nos termos espaço e lugar de modo relacional, ou seja, quando as relações, os tipos de ligação ou associação entre entidades, precede um caráter identitário.

A Parte Três é encerrada acreditando a autora ter desconstruído o antigo modo de enxergar o conceito espacial.

“Reorientações”, como é intitulada a Parte Quatro, traz o início da proposta da obra, ou seja, criar, uma imaginação alternativa do espaço. Nesta passagem, a autora nos aponta que há uma heterogeneidade simultânea, em que a espacialidade cria-nos um anseio para compreender o amplo sentido do social. O espaço se faz e refaz porque as relações geram um processo de construção. Somos convidados a viajar em caminhos e descaminhos por lugares como Londres e Newcastle, para que seja claro que o lugar não é permanente.

A abordagem alternativa de Massey, constrói um espaço constituído por meio das relações. Num segundo momento, ela aponta que a espacialidade sempre está sendo modificada, “lugares, em vez de serem localizações de coerência, tornam-se os focos do encontro e do não-encontro do previamente não-relacionado, e assim essenciais para a geração do novo” (p. 111). A multiplicidade do espaço gera o inesperado. Por fim, conclui-se que a abertura espacial é um curso de realização que, mesmo quando parece imutável, nada mais é que provisórios arranjos.

Na Parte Cinco, “Uma política relacional do espacial”, é resgatada a idéia da Parte Três, onde a política espacial deve observar as relações, uma territorialização em aberto. O lugar das relações, deve substituir a política da imaginação

linear que modelou o pensamento espacial até então. Massey utiliza mapas e viagens para deixar claro que o aquilo que torna o lugar específico é a reunião de diversas entidades em suas relações, o natural e o social se cruzam formando um caráter particular, constituídos por “elementos potenciais do acaso” (p. 144).

Para ela, o espaço é produzido com uma temporalidade integrante dele próprio. Não há separação, como defendida nos pensamentos anteriormente desconstruídos. As relações e práticas são os objetos da política. E o que permite a construção é a multiplicidade. Ao tentarmos imaginar um “novo” espaço deve-se seguir “uma geografia que reflita a geografia dessas relações” (p. 212).

A política local, por meio dos relacionamentos, deve enxergar além de seus próprios limites. O espaço torna-se o próprio terreno da política, uma vez que ao pensar espacialmente há um empenho em compreender a multiplicidade. É uma negociação das relações que remeterá à coexistência do social, do humano e do não-humano.

Uma forma de manter-se interligado com as diferentes trajetórias tem sido encontrado no meio técnico científico informacional, o que a autora chama de uma política de conectividade, que envolve negociações entre as diferenças. Não é um conflito de regras entre espaço e lugar, e sim distintas formas de pensar o quão aberto/fechado está o espaço ante a política relacional.

A interdependência gera uma discussão em torno do local, conduzindo uma reflexão sobre como a conectividade é desigual, o que acaba por gerar um caráter de diferenciação, os lugares são separados pelos seus atributos. A identidade é a própria condição do político.

Massey, ao encerrar sua obra, nos deixa a pensar o espaço geográfico além de suas associações (extensão, distância e localidade), nos remete à conclusão que as relações conduzidas e identitárias geram um resultado espacial. Seu conceito alternativo é um desafio a compreender as questões políticas a partir do reconhecimento das práticas relacionais. O tempo está inserido neste contexto, pois há um trabalho, um progresso que é construído a partir do campo político e das relações sociais dos seres. O espaço é, portanto, uma simultaneidade dinâmica, constantemente alterada pela interrelacionalidade, pela permanente espera da construção de novas relações.

